

A VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS
NOS PROGRAMAS DE *TALK SHOW*:
UMA ANÁLISE HUMORÍSTICA
NAS ENTREVISTAS DO PROGRAMA *THE NOITE*

Letícia Castro Miranda (UFES)

leticiaacastrom@gmail.com

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

mpenhalins@gmail.com

RESUMO

O trabalho tem por objetivo apresentar o modo como ocorre a violação das máximas conversacionais em programas de televisão. Mais particularmente, buscaremos analisar como a construção do humor se dá através de implicaturas e violações das máximas conversacionais, elementos esses da pragmática conversacional de Grice (1957; 1975). Para isto, utilizaremos como *corpus* de análise o programa de televisão *The Noite* do gênero *Talk Show* apresentado por Danilo Gentili. A entrevista analisada será com o humorista Fábio Porchat realizada em 07/05/2015. Também será utilizado como referencial a teoria semântica do humor de Raskin (1985), fazendo um estudo geral acerca do humor como base para análise da construção do cômico e o modo de comunicação do humor.

Palavras-chave: Máximas conversacionais. *Talk show*. Humor. Entrevista.

1. *Introdução*

O presente trabalho tem por objetivo apresentar como ocorre a violação das máximas conversacionais em programas de televisão. Mais particularmente, buscaremos analisar como a construção do humor se dá através de implicaturas e violações das máximas conversacionais, elementos esses da pragmática conversacional de Grice (1957; 1975). Para tal, utilizaremos como *corpus* de análise uma entrevista do programa de televisão *The Noite* do gênero *Talk Show* apresentado por Danilo Gentili. A entrevista analisada será com o humorista Fábio Porchat realizada em 07 de maio de 2015.

Também será utilizado como referencial a teoria semântica do humor de Raskin (1985), fazendo um estudo geral acerca do humor como base para análise da construção do cômico e o modo de comunicação do humor.

2. *Implicaturas conversacionais*

As implicaturas criadas pelo filósofo Paul Grice, em palestra proferida em 1967 e depois em seu artigo *Lógic and Conversation* publicado em 1975 em uma conferência na Universidade de *Havard*, é um dos estudos mais importantes sobre a maneira de se abordar os significados implícitos e para o desenvolvimento da pragmática. A preocupação central de Grice era encontrar uma forma de descrever e explicar os efeitos de sentido que vão além do que é dito. Nessa conferência, ele apresentou nesse texto, de menos de vinte páginas, um sistema conceitual eficaz para o tratamento das complexas questões que envolvem o problema da significação na linguagem natural.

Grice definiu dois tipos de implicaturas. São elas as Implicaturas Convencionais e as Implicaturas Conversacionais. As implicaturas convencionais são aquelas que estão ligadas ao significado convencional das palavras, ou seja, a significação é gerada internamente, dentro do contexto linguístico. Para esta implicatura cabe o exemplo a seguir: “Apesar de fanfarrão, ele é um bom jogador de futebol”. A locução conjuntiva “apesar de” provoca a relação de sentido. Como podemos ver no exemplo, a implicatura convencional ocorre da própria força significativa das palavras, sendo assim, pressentida pelos interlocutores sem dificuldades.

As implicaturas conversacionais não dependem da significação usual, sendo determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo. Grice diferencia as implicaturas conversacionais em particularizadas e generalizadas. As particularizadas têm as seguintes propriedades: são calculáveis, revogáveis e não-separáveis, porque dependem de um contexto específico para que possam ser calculadas.

As implicaturas conversacionais generalizadas são aquelas que não dependem de especificações de um contexto particular ou específico. Esse tipo de implicatura é muito semelhante a implicatura convencional observada por Grice em seu artigo.

2.1. O princípio da cooperação

Grice percebeu que a intenção das pessoas era de se entenderem e se fazer entender, seguindo algumas regras naturais de linguagem. Nessas regras, Grice definiu as máximas conversacionais através do princípio da cooperação.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O princípio da cooperação indica que o locutor

faça a sua contribuição na conversação, atendendo ao que é solicitado, no momento exigido, visando aos propósitos comuns e imediatos, de forma consequente em relação aos compromissos conversacionais estabelecidos. (GRICE, 1975, *apud* MARTELOTTA, 2013, p. 90)

Esse princípio divide-se em quatro máximas e suas submáximas, apresentados como máximas conversacionais, são elas: máxima da quantidade, máxima da qualidade, máxima da relação e máxima do modo, conforme seguem abaixo:

Máxima da quantidade (seja informativo)

Faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto o necessário.

Não faça a sua contribuição mais informativa que o necessário.

Máxima da qualidade (seja verdadeiro)

Não diga aquilo que acredita ser falso.

Não diga aquilo para o que não possui evidência suficiente.

Máxima da relação (seja relevante)

Máxima do modo (seja claro)

Evite obscuridade de expressão.

Evite a ambiguidade.

Seja breve.

Seja organizado.

Ainda que haja outras regras como a da polidez, por exemplo, no circuito da comunicação, Grice deixa entender que as quatro categorias citadas são suficientes para explicar o fenômeno da implicatura conversacional. Observa-se que essas máximas já são presumidas pelos interlocutores e que não necessitam ser explicitadas e acordadas previamente por já fazerem parte de um contrato comunicativo. Os interlocutores presumem que as pessoas, normalmente, fornecerão uma quantidade apro-

priada de informações, que falarão a verdade, que serão relevantes e que procurarão ser o mais claras possível.

Em seu artigo Grice expõe o raciocínio que fez para mostrar que a observância do princípio da cooperação e das máximas é razoável “é de se esperar que qualquer um indivíduo que tenha em mente os objetivos centrais da conversação/comunicação (ex.: dar e receber informações, influenciar e deixar-se influenciar por terceiros) tenha também um interesse, dadas as circunstâncias adequadas, em participar nas trocas conversacionais, que serão proveitosas apenas se parte da suposição de que essas trocas estão sendo conduzidas conforme o princípio da cooperação e as máximas. Não tenho certeza de poder chegar a tal conclusão, de qualquer modo, sinto-me bastante seguro em afirmar que não posso chegar a essa conclusão antes de conseguir enxergar com maior clareza a natureza da relevância e das circunstâncias nas quais ela é exigida”. (GRICE, 1975, p. 49)

3. O humor

O humor é um tema que vem conquistando pesquisadores nas mais variadas vertentes acadêmicas a muito tempo. Platão e Aristóteles já estudavam acerca da retórica do humor e da comédia, passando por estudos de gêneros literários, sociológicos, antropológicos, psicológicos, linguísticos, e vários outros, muitos estudiosos vêm tentando encontrar uma definição a respeito da natureza do humor.

Em 1985 Raskin oferece um dos trabalhos mais completos sobre os mecanismos semânticos do humor em seu artigo *Semantic Script Theory of Humor* ou “teoria dos dois *scripts*”, como é referida no Brasil. A proposta de Raskin pressupõe o texto humorístico como composto por dois *scripts* que, apesar de necessariamente distintos e opostos, são compatíveis. Para o autor, *script* é uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante que representa seu conhecimento de mundo. Caracterizado como um domínio limitado de um diagrama simples e multidimensional, reproduzido pelo léxico da língua. Apesar de estabelecer uma distinção entre os *scripts* dependentes de informação puramente linguística (conhecimento lexical) e aqueles que dependem de informação relativa (conhecimento de mundo), Raskin os apresenta indistintamente como ligados por elos de natureza semântica.

Em 1987 Raskin retoma o tema e acrescentou às condições exigidas para configuração do chiste, a mudança do modo de comunicação *bona-fide* para o modo não *bona-fide* que permite passar de um script a outro. Para explicar a comunicação *bona-fide*, Raskin utiliza o princípio de cooperação de Grice explicado no capítulo anterior. A comunicação *bona-fide* é necessariamente governada pelo princípio de cooperação. Ao invés de representar propriamente uma transgressão ao princípio de cooperação, a mudança do modo de comunicação confiável/*bona-fide* para o não-confiável/não *bona-fide* implica simplesmente o estabelecimento de um novo tipo de regras que diferem daquelas que regulam a comunicação usual. Assim, como alternativa às máximas de Grice (1987), Raskin propôs que as máximas do modo não *bona-fide* de comunicação não são caracterizadas pelas mesmas regras de um diálogo ou de uma fala utilitária. Dessa forma, desrespeita, quase sempre, as máximas conversacionais de Grice, gerando uma implicatura, que deve ser percebida pelo leitor que tem consciência de estar diante de um texto de humor:

1. relação: diga apenas o que for pertinente à piada
2. qualidade: diga apenas o que for compatível com o universo da piada
3. quantidade: dê a informação que for estritamente necessária à piada
4. modo: conte a piada com eficiência

De acordo com Raskin, nesse novo princípio da cooperação, o ouvinte não espera que o falante conte a verdade ou lhe transmita uma informação relevante. Automaticamente, ele percebe a intenção do falante de lhe fazer rir.

Ainda na linguagem do humor, através da análise de textos de piadas, o linguista Possenti (1998) estuda os fatores linguísticos que promovem o riso, afirmando que não pretende explicar o que as piadas significam, mas como funcionam. Ele acredita que as piadas podem ser encaradas como “peças linguísticas”. Possenti acredita que o humor da piada pode estar situado em diversos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, lexical, dêixis, sintaxe, pressuposição, inferência, conhecimento prévio, variação linguística e tradução, enquadrando as piadas de sua análise em todos esses níveis.

Para o filósofo Henri Bergson (1987) que publicou um estudo sobre o riso e sobre a significação do cômico, e vem acrescentar aos estu-

dos anteriores sobre o humor que “não há comicidade fora do que é propriamente humano” (BERGSON, 1987, p. 12). O autor afirma que o homem ri de desvios e deformidades do outro, de tudo que foge do padrão considerado normal. Para explicar sua teoria, diz que uma paisagem pode ter várias características, pode ser bonita, feia, mas jamais será risível. Rimos de um animal, porque nele vemos algo de humano, uma expressão ou atitude parecida com a do homem. Não que só podemos rir do que é humano, mas nosso riso sempre terá alguma relação com o homem.

O psicanalista Freud, por sua vez, vislumbrando no humor um importante papel na vida psíquica do indivíduo. O autor considera que o riso causado pelos chistes advém da remoção de obstáculos interior e exterior. O obstáculo interior refere-se ao gasto psíquico que é economizado quando um chiste apresenta de forma simplificada uma questão complexa, exigindo, portanto, menor esforço de compreensão dos indivíduos. O obstáculo exterior refere-se à coerção que as autoridades e as regras exercem sobre os sujeitos. O chiste deriva do que é feio, da ênfase sobre o que está oculto ou não notado e, ainda, do que o outro faz de errado. “O chiste representa então uma rebelião contra tal autoridade, liberação do jugo da mesma”. (FREUD, 1959, p. 98)

4. A violação das máximas conversacionais no programa *The Noite*

O *The Noite* é um programa chamado de *talk show* brasileiro, comandado pelo comediante e apresentador Danilo Gentili desde março de 2014 no canal de televisão SBT. O nome é um trocadilho feito com o som da palavra inglesa “*The*”, que possui o mesmo som da palavra portuguesa “*De*”, fazendo, deste modo, “*The Noite*” soar como “*De Noite*”, pois o programa é transmitido na madrugada.

O programa tem vários quadros, dentre eles a entrevista que será nosso objeto de estudo. A entrevista analisada foi ao ar no dia 07 de maio de 2015 e o entrevistado foi o humorista e ator Fábio Porchat, que estava lançando no cinema seu filme “*Entre Abelhas*”. Fábio foi o primeiro convidado do programa em sua inauguração e volta para comemorar o programa de número trezentos. Nesse episódio o ator Fábio Porchat entra no palco vestindo uma fantasia de abelha, remetendo ao nome do filme que ele é o protagonista.

Apenas serão analisados os trechos que mencionam a fantasia. No diálogo que segue, inicia-se a entrevista aos 01:14min de programa:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

(A) Danilo Gentili: – Tudo bem Fábio? Legal, o Ultraje tocou a música que toca no final do filme Entre Abelhas.

(B) Fábio Porchat: – Exatamente!

No primeiro trecho a máxima da quantidade é respeitada, quando (A) explica o motivo da música tocada pela banda do programa, “Faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto o necessário”, obedecendo a primeira máxima da quantidade. Na resposta de (B) ele obedece a máxima de modo, sendo breve em sua resposta.

(A) Danilo Gentili: – E eu vi já que você veio com a roupa de abelha para divulgar o filme.

(B) Fábio Porchat: – Não, sabe que não. Não tinha nem me atentado para isso, engraçado né. Até dá, o filme Entre Abelhas está em cartaz.

No texto observamos que a supermáxima da qualidade foi totalmente quebrada, quando (B) diz que não foi de propósito que está com a fantasia de abelha, ele não está sendo verdadeiro. (B) também quebra a máxima da qualidade “Não diga aquilo que você considera falso”, porque ele sabe que foi com a fantasia de abelha por causa do filme, e ele finge que lembrou do filme naquele momento.

(A) Danilo Gentili: – É um personagem né!

(B) Fábio Porchat: – Na verdade eu faço uns trabalhos muito sérios também Danilo. Eu tenho uma pegada bem legal em umas áreas diferentes. É um outro tipo de trabalho que eu estou fazendo.

Observamos que aqui foi (A) que quebrou a máxima da qualidade “Não diga aquilo que você considera falso” pois ele sabe que (B) não é um personagem e está sim com a fantasia de propósito. Já (B) quebrou a máxima da qualidade “Não diga nada que não possa ser comprovado ou para o qual você não possa fornecer evidência” pois ele não consegue provar que está usando a fantasia para outro fim. (B) também não é relevante em sua resposta e quebra a máxima da Relação “Seja relevante”, pois (B) implica que não quer enfrentar a pergunta de (A) objetivamente. Também foi quebrada a supermáxima de quantidade, quando (B) não dá informações suficientes sobre o motivo de usar aquela roupa.

(A) Danilo Gentili: – Essa é a sua roupa séria?

(B) Fábio Porchat: – É, É, coincidiu mesmo. Eu nem cheguei a pensar, curioso (põe a mão na cabeça), quando a gente vê (põe novamente a mão na cabeça).

Aqui também (A) quebrou a máxima da qualidade “Não diga aquilo que você considera falso” pois ele sabe que (B) não usa essa roupa no seu dia a dia ou em momentos de trabalhos sérios como implicado. Nesse contexto (B) quebrou todas as máximas de Modo, inclusive a supermáxima “Seja claro” pois ele não conclui suas falas e gesticula muito. Na máxima “Evite expressões ambíguas” (B) explora a ambiguidade expondo que (A) é bobo ao acreditar que ele usa aquela roupa em momentos sérios. Na máxima “Evite expressões que possam obscurecer o significado”, nesse caso (B) está sendo propositadamente obscuro em sua resposta para não deixar claro o motivo de usar aquela roupa. Na máxima “Seja Breve” (B) gesticula muito confundindo a resposta e prolongando a conversa, já na máxima “Proceda de modo ordenado” (B) mistura as palavras, não conclui as frases e confunde (A) que não consegue interpretar a resposta.

Podemos observar no diálogo apresentado que quase todas as máximas conversacionais de Grice são violadas. A quebra das máximas, neste caso, ocorre através da figura de linguagem conhecida como ironia, isto é, dizendo o contrário do que se intenta dizer. Desse modo, o telespectador percebe a violação das máximas e inicia o processo inferencial, buscando entender a verdadeira intenção por trás dos enunciados proferidos. Sabendo que (A) é um apresentador comediante, e suas entrevistas são geralmente cheias de ironia e que (B) também é um comediante que está estreando um filme no cinema chamado Entre Abelhas. Portanto, o telespectador já sabe que a fantasia de abelha está associada ao filme para o qual (B) foi divulgado no programa.

Por ser um programa de humor, o telespectador já está preparado para a linguagem cômica, e muda facilmente para o modo *non-bona-fide* de comunicação, ao perceber qualquer violação das máximas. A graça acontece, neste caso, do duplo sentido e da contradição que geram a graça, ao serem solucionadas pelo ouvinte, provocando o riso.

Após um período de conversa sobre outros assuntos o entrevistador volta a citar a fantasia utilizada pelo entrevistado, conforme segue no diálogo abaixo aos 10:57 min de entrevista:

(A) Danilo Gentili: – É legal que você veio com a roupa de abelha para divulgar o Entre Abelhas.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(B) Fábio Porchat: – Então, não é para divulgar, engraçado. Eu até pensei assim, essa coisa da asa, que a pessoa bate o olho em mim e ia pensar. Nem cogitei.

(A) Danilo Gentili: – Ok!

(B) Fábio Porchat: – Agora fiquei até sem graça, eu devia ter vindo com a minha de formiga, eu acho.

No diálogo acima observamos a quebra da máxima de quantidade, pois (B) não coopera de modo a informar aquilo que está sendo requerido. (A) tenta novamente associar a fantasia ao nome do filme e (B) nega não contribuindo com a informação correta exigida na situação. Também há quebra da máxima da qualidade, pois (B) não é verdadeiro em sua resposta, afirmando que não está fantasiado de propósito dizendo aquilo que ele mesmo considera falso. E a quebra da máxima de modo, obscurecendo, sendo desordenado e explorando a irrelevância de suas respostas para implicar que usa aquela roupa e outras fantasias de bichos em seu dia a dia. Mais uma vez, o modo *non-bona-fide* é ativado pela ironia. O programa faz uso constante da ironia para promover o riso do telespectador.

No trecho abaixo, o entrevistador cita novamente a fantasia utilizada por Fábio, que insiste em negar sua ligação com o filme *Entre Abelhas*, segue o diálogo que inicia aos 23:32min de programa:

(A) Danilo Gentili: – E você vai com essa roupa de abelha, ou só usa ela para divulgar o filme?

(B) Fábio Porchat: – Que filme? Ah! O *Entre Abelhas*, nem me lembrei, olha que doideira a gente falando nisso.

No diálogo acima, o entrevistado está falando sobre uma viagem que irá fazer e o apresentador retorna ao assunto da fantasia de abelha. Nesse caso, (A) quebra a máxima de qualidade, pois ele sabe que (B) não irá viajar com uma fantasia de abelha, mesmo assim pergunta com tom de ironia, já que (B) insiste em afirmar que não há coincidência entre a fantasia e o nome do filme que o mesmo está lançando nos cinemas. Novamente (B) é obscuro e desordenado em sua resposta quebrando a máxima de modo, não respondendo à pergunta de (A), implicando que não há ligação da fantasia ao nome do filme.

No último trecho, a entrevista é encerrada citando novamente a fantasia do entrevistado, que inicia aos 25:22min de programa.

- (A) Danilo Gentili: –... você está com duas peças.
- (B) Fábio Porchat: – Estou escrevendo o Estadão aos domingos, programa do porta a fora no Porta dos fundos, e estou fazendo festinha infantil (passa a mão na fantasia), trabalhando muito, é esse que é meu negócio (balança o abdômen da abelha), é por isso que estou assim de abelha.
- (A) Danilo Gentili: – É por isso que você veio de abelha?
- (B) Fábio Porchat: – É! Estou com esse trabalho muito bacana, com festa infantil para criança.
- (A) Danilo Gentili: – Ok, matou minha curiosidade, é por isso que ele veio de abelha.

Nesse diálogo (B) já inicia quebrando a primeira máxima da qualidade, implicando que está fantasiado porque trabalha em festa infantil, porém o telespectador sabe que essa informação é falsa. Já (A) quebra a máxima de relevância fingindo acreditar na resposta de (B) para implicar que não quer levar aquele assunto adiante. Nesse caso, (B) também faz o telespectador ri pelo prazer de solucionar algo que estava inicialmente configurado de forma confusa, atrás da obscuridade quebrando a segunda máxima de modo.

A compreensão da implicatura e a produção do humor nos diálogos apresentados dependem do conhecimento de mundo do telespectador, pois todos devem saber que o programa é de humor e o entrevistado também é humorista. Além disso, no começo da entrevista, o entrevistador Danilo deixa claro que o objetivo é divulgar o filme do comediante Fábio Porchat, chamado *Entre Abelhas*, que está em cartaz nos cinemas. Fábio por sua vez, usa uma fantasia de abelha fazendo alusão ao nome do filme que não tem nada a ver com o inseto abelha.

5. Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo apresentar como o humor pode ser construído através de implicaturas e violação das máximas conversacionais apresentadas por Grice (1975). Concluindo assim, que o humor, por seu caráter conversacional é um grande exemplo das implicaturas que há por trás do que é expresso, ou seja, o quanto não dito há por trás do dito, mesmo quando expressamente intencionado a sua transmissão.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os trechos analisados permitiram notar que a violação das máximas conversacionais é um recurso linguístico muito utilizado nas entrevistas do programa *The Noite*, provocando muitos risos dos telespectadores. Olhando pelo prisma de Raskin (1985) os interlocutores obedecem a todas as máximas da teoria semântica do humor levando ao telespectador o máximo de informações para caracterizar uma piada, provocando risos através do humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

COSTA, Jorge Campos da. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância: a lógica não trivial da linguagem natural*. 1984. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. VIII, 1977.

GRICE, Paul H. *Lógica e conversação*. Trad.: João W. Geraldini. In: DASCAL, *Fundamentos Metodológicos da Linguística*, vol. IV: pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguística. Campinas: UNICAMP, 1982.

MARTELOTTA, M. E. et al. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1985.

TV SBT. Linha de shows. The noite. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/thenoite>>. Acesso em: 09-07-2015.